

CARLOS FRANCHI: UMA ENTREVISTA SOBRE A GRAMÁTICA GERATIVA¹

Roberta Pires de Oliveira *

Carlos Mioto *

1. O contexto da entrevista

No final de 99 iniciamos a organização do segundo número de revista *Fórum Lingüístico* com o tema *A Gramática Gerativa* (doravante GG). Como a política editorial da revista prevê uma seção de entrevistas, pensamos realizá-la com pesquisadores brasileiros que pudessem testemunhar a história da GG no Brasil. Buscávamos aqueles cuja relação com essa linha teórica fosse de certa “desconfiança” e não de total adesão, porque, no nosso entendimento, esse olhar oblíquo poderia ser mais rico. Nessa diretriz surgiram os nomes de Lúcia Lobato e Carlos Franchi. Entramos em contato com eles e falamos da nossa intenção de entrevistá-los. Dissemos ainda que a idéia era apresentar a cada um deles a mesma série de perguntas e, em seguida, confrontar as respostas para uma segunda rodada de perguntas e esclarecimentos. Aceito o convite, a primeira versão do “questionário” foi prontamente enviada. Como aparecerá mais adiante, a primeira pergunta da entrevista era uma pequena provocação porque indaga sobre a adesão de cada um desses pesquisadores ao paradigma gerativo.

¹ Agradecemos ao professor Rodolfo Ilari algumas conversas sobre o Franchi, o surgimento do IEL, ... e o envio de bibliografia e referências bibliográficas. Agradecemos, ainda, ao CEDAE, Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (IEL) que disponibilizou o material da entrevista.

* Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC/CNPq.

Em janeiro de 2001, o segundo número da revista *Fórum Lingüístico* saiu publicado contendo apenas a entrevista da professora Lúcia Lobato.¹ Trata-se das respostas dadas a nossa primeira versão, sem qualquer confronto com as idéias do Franchi porque, apesar da nossa insistência, por vezes até incomoda, não havíamos conseguido entrevistá-lo. Ele sempre nos respondia dizendo que estava quase acabando de responder ao questionário. Por mais de uma vez, insistimos para que ele enviasse aquilo que já havia feito. Propusemos inclusive uma entrevista gravada. Infelizmente, nenhuma das opções foi aceita e, por razões de ordem exclusivamente editorial, não pudemos esperar que ele terminasse. Um desfecho bastante frustrante porque, além de ser um pesquisador que vivenciou a GG muito de perto mas sempre de maneira crítica, Franchi tinha sido nosso professor e influenciado nossa maneira de perceber a linguagem. Além disso, a ausência de sua voz frustrava o próprio projeto da entrevista que pretendia criar discussão entre os entrevistados, deixando órfã a entrevista da Lúcia Lobato. Foi, pois, com pesar que a revista saiu sem a contraparte do Franchi.

O projeto da entrevista e do confronto, mesmo que parcial porque restrito apenas as nossas observações sem a possibilidade dos autores replicarem, renasceu quando a professora Evani Viotti da USP, no segundo semestre de 2001, nos informou sobre a descoberta do professor Rodolfo Ilari. Ilari havia achado, entre as pastas do computador do Franchi, que lhe fora franqueado por Eglê Franchi, a nossa entrevista. Mais que felizes aceitamos fazer a sua editoração e publicá-la, desta vez com uma introdução que recuperasse a entrevista com a Lúcia Lobato. Esta é nossa maneira de homenagear o Franchi, cuja atuação norteou nossa prática enquanto lingüistas, e também de fazer juz à entrevista da Lúcia Lobato, contextualizando-a, relendo-a à luz do confronto. Contextualizar a entrevista e relê-la é a tarefa da próxima seção.

¹ Ver Lobato (2000).

Como o leitor verá, a entrevista com o Franchi não está terminada. Ele responde até a quinta pergunta (a entrevista original compunha-se de quinze perguntas)². O grau de elaboração das respostas atestam a seriedade com que Franchi encarou nossa entrevista mas acima de tudo a nossa própria ingenuidade ao propor (justamente para quem!...) perguntas cujas respostas podem suscitar verdadeiros tratados. Tome-se como exemplo a complexidade colocada pela questão sobre o problema da compatibilidade entre funcionalismo e formalismo. Talvez tenha sido esta a razão por que a entrevista não tenha sido concluída.

Mantivemos a entrevista tal qual a recebemos, com exceção de uns pequenos reparos ortográficos e de digitação. Nas notas, o leitor encontra algumas referências bibliográficas e datas que resolvemos incluir. Após o fim da resposta à quinta questão, encontrava-se um trecho que, acreditamos, era de "lixo": pedaços ou rascunhos da resposta à quinta questão que não foram aproveitados ou que foram re-elaborados. Talvez esse material não seja de interesse para o leitor comum, mas ele constitui no mínimo uma amostra de como o Franchi elaborava suas respostas. Por isso, decidimos publicá-lo em destaque, separadamente. A este trecho de "lixo", seguia-se uma síntese dos pressupostos teóricos do minimalismo. É provável que esse resumo das idéias centrais do minimalismo fosse um rascunho para algumas das outras questões que compunham o questionário. Afinal, a sexta questão, por exemplo, inquiria precisamente sobre as diferentes fases do gerativismo. Trata-se de uma síntese bastante ampla, cobrindo diversos aspectos dessa última fase do gerativismo, e de grande interesse para os diferentes leitores do gerativismo. Por isso também decidimos publicá-la. Mantivemos seu formato original, uma espécie de ficha de resumo, modificando, apenas, alguns pequenos problemas de digitação.

² As perguntas podem ser encontradas em Lobato (2000).

